

A contribuição da mão de obra voluntária: um caso particular de custos intangíveis no Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer (GRAACC)

Eduardo Sergio Ulrich Pace (USP) - pace2@terra.com.br

Almir Machado Silva Filho (UNINOVE) - almir_fh@hotmail.com

Resumo:

Visando mensurar a contribuição do valor adicionado nas Organizações Sem Fins Lucrativos, foi realizado um estudo de caso na área da saúde, no tratamento e combate ao câncer no público infantil e no adolescente, junto ao GRAACC. A metodologia aplicada mediu a criação de valor através dos resultados da aplicação do capital intelectual com o cálculo do VAIC, (Value Added Intellectual Coefficient), de Ante Pulic (2000), que tem por base o uso de dados do Balanço Patrimonial, da Demonstração de Resultados do Exercício. Por outro lado, acrescentou-se o Valor do Sucesso que mede o quanto valem os serviços prestados e o quanto a criança e o adolescente curados serão capazes de contribuir monetariamente em sua vida produtiva, Pace (2009), o trabalho mostrou o crescente valor adicionado pelo capital intelectual, comparando-o com o Retorno sobre Ativos (ROA). Este indicador, em 2007, alcançou um retorno de 584% e 780%, em 2010. Já, o coeficiente do VAIC total no primeiro ano da pesquisa, 2007, era de 26,83 e, em 2010, registrou 54,71 indicando a crescente contribuição de valor para a sociedade, tanto do trabalho voluntário como do assalariado.

Palavras-chave: *Capital intelectual. Valor adicionado. VAIC.*

Área temática: *Custos aplicados ao setor privado e terceiro setor*

A contribuição da mão de obra voluntária: um caso particular de custos intangíveis no Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer (GRAACC)

Resumo

Visando mensurar a contribuição do valor adicionado nas Organizações Sem Fins Lucrativos, foi realizado um estudo de caso na área da saúde, no tratamento e combate ao câncer no público infantil e no adolescente, junto ao GRAACC. A metodologia aplicada mediu a criação de valor através dos resultados da aplicação do capital intelectual com o cálculo do VAIC, (*Value Added Intellectual Coefficient*), de Ante Pulic (2000), que tem por base o uso de dados do Balanço Patrimonial, da Demonstração de Resultados do Exercício. Por outro lado, acrescentou-se o Valor do Sucesso que mede o quanto valem os serviços prestados e o quanto a criança e o adolescente curados serão capazes de contribuir monetariamente em sua vida produtiva, Pace (2009), o trabalho mostrou o crescente valor adicionado pelo capital intelectual, comparando-o com o Retorno sobre Ativos (ROA). Este indicador, em 2007, alcançou um retorno de 584% e 780%, em 2010. Já, o coeficiente do VAIC total no primeiro ano da pesquisa, 2007, era de 26,83 e, em 2010, registrou 54,71 indicando a crescente contribuição de valor para a sociedade, tanto do trabalho voluntário como do assalariado.

Palavras chaves: Capital intelectual. Valor adicionado. VAIC.

Área Temática: Custos aplicados ao setor privado e terceiro setor.

1 Introdução

Esta pesquisa aplicou uma metodologia capaz de apoiar os gestores do terceiro setor a alavancar seu potencial para criar valor nas suas organizações, baseando-se no desempenho empresarial associado a dois recursos: o Capital Empregado (CE) e o Capital Intelectual (CI). Rotineiramente, o que é medido naquelas organizações é apenas o valor do trabalho assalariado esquecendo-se do grande diferencial competitivo proveniente do trabalho realizado pelo conhecimento existente no trabalho voluntário. Dado que o seu desempenho está cada vez mais atrelado ao papel do capital intelectual, procurou-se conhecer se ele é capaz de criar valor quando se transforma em bens ou serviços derivados da sua aplicação.

Com maior frequência percebe-se a busca por novas formas de se agregar valor às organizações, quer sejam com fins lucrativos, quer sejam Organizações Sem Fins Lucrativos (OSFL), como no caso do GRAACC, objeto deste trabalho. Neste sentido, é feita a proposição de se avaliar novas possibilidades de se medir o CI.

O Capital Intelectual é a capacidade mental coletiva, não se tratando de doutores trancados em um laboratório, mas a soma do conhecimento de todos em uma empresa (STEWART, 1998). Sabe-se que o CI é um ativo intangível e, que na grande maioria das vezes, não consta das demonstrações financeiras, daí derivando o debate sobre como mensurar o seu valor adicionado nas organizações capazes de perceber sua importância e de desenvolvê-lo para a colocação em prática.

Os resultados desta pesquisa evidenciam a existência de uma relação entre o CI no GRAACC e o quanto ele pode agregar de valor à sociedade, mostrando, também, como a eficácia na condução dos ativos intangíveis impacta nos resultados obtidos.

O CI foi evidenciado através do seu corpo de mão de obra assalariada e, especialmente, da mão de obra voluntária, apresentando a eficácia do seu trabalho, cujos custos não são reconhecidos, trazendo importantes retornos sociais no cumprimento da missão que, neste caso em particular, consiste no número de vidas salvas.

2 Problema de pesquisa e objetivos

A identificação dos custos do capital intelectual proveniente da mão de obra voluntária nas OSFL contribui na criação de valor para a sociedade?

Este artigo apresenta dois objetivos básicos:

- Aplicar uma metodologia, que é utilizada para estimar o impacto da contribuição do capital intelectual derivado do custo do trabalho assalariado, na avaliação da capacidade de criar valor do custo intangível do trabalho voluntário;
- Estimar a contribuição do trabalho voluntário na criação de valor nas OSFL e verificar qual relação existe entre a criação de valor e a contribuição atribuída ao trabalho voluntário.

3 Revisão bibliográfica

3.1 O terceiro setor

É recente o debate sobre políticas específicas de combate às desigualdades sociais, às lacunas deixadas pelo Estado (primeiro setor) e pelo setor privado (segundo setor), constituindo uma das possíveis explicações para o surgimento do chamado terceiro setor, composto por diferentes atores sociais como: entidades de classe, associações, instituições e ONGs. Conforme Fernandes (1994) no Brasil, a expressão terceiro setor começou a ser difundida a partir da década de 80, juntamente com pesquisas do *Johns Hopkins Comparative Nonprofit Sector Project* com Leilah Ladim e Rubem César Fernandes.

Caracterizando as OSFL é sabido quanto competitivo pode ser o espaço de sua atuação nos aspectos relativos ao seu objeto social, seja enfrentando um ambiente de elevada demanda por serviços de parte da comunidade, seja identificando a dificuldade em captar recursos financeiros e em obter mão de obra qualificada, Backman; Grossman e Rangan (2000), Salamon *et al.* (1999), Stone; Bigelow e Crittenden, (1999) *apud* (PACE, 2009).

Neste sentido, Leete (2006) *apud* Powell e Steinberg (2006, p.159) destaca:

“As world income and manufacturing productivity has risen and as the information economy has expanded, the service sector has come to dominate employment in the United States and other advanced and industrialized nations. Because nonprofit entities are typically service sector organizations, they increasingly account for both a significant and a growing share of employment. Furthermore, the policy relevance of questions relating to the nonprofit labor force is growing”.

Por outro lado, os sistemas contábeis existentes não são capazes de revelar a totalidade do valor criado, seja nas organizações voltadas para o lucro, seja nas OSFL, tendo em comum os objetivos ou de maximização dos resultados, ou de impactos sociais positivos. Desta forma, a mensuração da eficiência com que se cria valor a partir de recursos (capital investido e capital intelectual) e do gerenciamento destes custos é decisiva para o conhecimento de como e onde é gerado o valor, além de determinar seu justo valor de mercado. Este trabalho, ao apresentar o impacto positivo da criação de valor em determinada instituição derivado do capital intelectual empregado, auxilia os gestores e os interessados no trabalho voluntário a compreender melhor os seus processos de gestão, principalmente, seus custos em geral e, especificamente, os custos de sua mão de obra.

Conforme Stewart (1998), vale lembrar que há uma série de evidências que demonstram que:

- A indústria vem se “desmaterializando” com o aumento do componente intelectual e a redução do físico;
- Os fluxos de informação e os fluxos de produtos e serviços estão se afastando entre si de forma crescente.

Adicionalmente, é perceptível, no ambiente das organizações sociais na realidade brasileira, a escassez de trabalhos voltados para a apuração do valor criado, problema que é agravado quando o tema se volta para a identificação da influência do capital intelectual naquele meio.

3.2 O capital intelectual

Gil e Arnosti (2007) definem que o Capital Intelectual (CI) é um conjunto de valores ocultos que agregam valor para as organizações, sendo um ativo intangível.

O CI gerado pode ser mensurado, conforme Pulic (2000), pela relação dos índices de eficiência do Capital Humano, do Capital Estrutural, do Capital Empregado e do Valor Adicionado que se relacionam a fim de apontar os resultados da criação de valor.

Já, para Edivinsson e Malone (1998), a formação do capital intelectual é constituída por Capital Humano, Capital Estrutural e o Capital do Cliente, definidos como:

- a) Capital Humano, conforme Edivinsson e Malone (1998, p.31) “é toda capacidade, conhecimento e experiência individuais dos empregados e gerentes estão incluídos no termo capital humano”, porém sua mera união não é suficiente sendo necessário haver interação entre os colaboradores para que haja troca de habilidades. Edivinsson e Malone (1998) afirmam que o capital humano deve também incluir a criatividade e a inovação organizacionais.
- b) Capital Estrutural inclui fatores como: qualidade e o alcance dos sistemas informatizados, a imagem da empresa, os bancos de dados exatos, os conceitos organizacionais e a documentação. Outro fator relevante é o capital de inovação que se refere à capacidade de renovar;
- c) Capital de Clientes: é desdobrado como uma categoria separada, equivalente ao capital estrutural e ao humano.

O principal executivo financeiro da Microsoft afirmou que “as idéias, em si, têm poder. Podem se acumular sem passar por uma instituição e, de repente, explodir” *apud* Stewart (1998, p.54). Daí existir uma procura por esses talentos que trazem consigo valor capaz de produzir um diferencial para toda a organização, porém, sabendo que o bem intangível acompanha o seu possuidor: o talento ou o conhecimento é um ativo que pode adicionar valor às organizações.

Defende-se que “cerca de 95% da variação do preço de uma ação (nas Bolsas de Valores) está relacionada às informações não-financeiras”, Baruch Lev (1997) *apud* Edivinsson e Malone, 1998, p.63), sendo que, parte destas informações decorre do conhecimento das pessoas que participam dessas ações, mas não são retratadas nos balanços tradicionais, daí as discrepâncias entre o valor publicado das ações e o valor real.

Afirma Sveiby (1998):

“As empresas não negociam seus ativos intangíveis, por isso o valor dos mesmos não pode ser deduzido das transações de mercado de rotina como o valor dos ativos tangíveis. O valor só aparece dessa forma indireta no mercado de ações ou quando uma empresa troca de mãos. Por exemplo, quando uma empresa adquire outra e paga um ágio sobre seu valor contábil, a teoria contábil denominada esse de ágio de fundo de comercio” (SVEIBY, 1998, p.8).

O conhecimento é a matéria prima do CI e Stewart (1998) lembra que a empresa voltada para o conhecimento viaja a velocidade da luz e tem sido assim: as mudanças têm sido extremamente rápidas dentro das organizações, pois não há tempo a desperdiçar. "O conhecimento difere do dinheiro, dos recursos naturais, do trabalho e da máquina; o conhecimento segundo ele é um bem público” Stewart (1998, p.29). Cada vez mais, percebe-se a dificuldade em medir a capacidade na geração de valor através do CI, porque é algo

muito complexo, mas a empresa que o administra de forma competente se torna uma organização mais valiosa principalmente, se ela for capaz de acompanhar, desenvolver e valorizar esse capital, fazendo dele um diferencial competitivo.

O primeiro, mais antigo e conhecido trabalho publicado sobre contabilidade por Luca Pacioli, em 1494, a *Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalita*, mostrou como utilizar sistemas contábeis de partidas dobradas e, como lembra Stewart (1998, p.54), seria impossível administrar uma empresa sem o conhecimento da área contábil. Contudo, “David Wilson auditor independente e sócio da Ernest & Young uma das seis maiores empresas de contabilidade e consultoria do mundo afirma: Passaram-se quinhentos anos desde a publicação do importante trabalho de Pacioli sobre contabilidade e ainda não vimos nenhuma inovação na prática contábil”, Stewart (1998, p.54).

De forma crescente as empresas buscam novos conhecimentos e sabem que através deles conseguirão ter um diferencial para fazer face a um mercado competitivo e com clientes mais exigentes. Porém, o conhecimento é imaterial o que permite afirmar que o esquema de Pacioli não funcionará mais em uma empresa baseada no conhecimento, afirma Judy Lewent (1997), executiva financeira da Merck & CO. *apud* Stewart (1998, p.54). Estas afirmações validam a importância inegável da contabilidade para o mercado quanto à mensuração e apresentação de resultados tangíveis importantes. Contudo, ela não é capaz de expressar a relevante capacidade do CI de agregar valor às empresas, “o que representa um ativo intangível fundamental à sobrevivência e crescimento das empresas, com ou sem fins lucrativos”, lembra (STEWART, 1998, p.54).

3.3 Valor Adicionado (VA)

Nos Estados Unidos tem-se a origem das primeiras aplicações do conceito de VA, na década de vinte, servindo de base para o cálculo dos sistemas de incentivos governamentais apesar de, segundo Knell (1986), referir-se conceitualmente ao final do século XIX em sua magnitude macroeconômica.

Segundo Simonsen (1991, p. 83),

”Valor Adicionado é a diferença entre o valor bruto da produção e os seus consumos intermediários, podendo o Valor Adicionado ser obtido pela soma em todas as etapas dos processos de produção do país”.

O VA que cada segmento econômico agrega é uma das possíveis representações do comportamento do sistema econômico como um todo, por mensurar em termos de valor quanto cada setor econômico contribui para gerar a riqueza de uma nação, (CARDOSO JR., 2000).

Na criação de valor pelas empresas é necessária a aplicação de estratégias financeiras, seja no âmbito operacional, no de financiamento e/ou no de investimento a fim de criar valor aos acionistas, (ASSAF NETO, 2010).

Levando-se em consideração a maximização da riqueza do acionista, segundo Gitman (2010), deve-se ampliar este foco não somente aos acionistas e sim a todos os *stakeholders* envolvidos, sejam eles os funcionários, os clientes, os fornecedores, os credores e a sociedade como um todo.

Conforme destacado por Santos (1999, p. 98):

“A Demonstração do Valor Adicionado, componente importantíssimo do balanço social, deve ser entendida como a forma mais competente criada pela contabilidade para auxiliar na medição e demonstração da capacidade de geração, bem como de distribuição, da riqueza de uma entidade”.

Santos (1999) lembra, contudo, que as informações prestadas pela DVA (Demonstração do Valor Adicionado) estão aquém daquelas prestadas pelo balanço social.

3.4 Custos da mão de obra

Para Martins (2009), definem-se como custos os gastos utilizados na produção de bens ou serviços capazes de gerar novos bens e novos serviços, ou seja são gastos que, em determinados momentos, podem ser considerados como investimentos ou custos, podendo ser divididos em diretos ou indiretos.

Meglierini (2007) afirma que são custos diretos aqueles diretamente ligados aos bens ou serviços prestados (insumos de produção, a mão de obra do pessoal da linha de produção ou médicos nos hospitais) e indiretos compreendem aqueles custos que não fazem parte do produto ou serviço em si (mão de obra dos gerentes ou supervisores ou a energia elétrica usada no escritório).

Como a ênfase de custos dada na pesquisa refere-se ao VA gerado pela mão de obra, tanto assalariada quanto a voluntária, a distinção acima não foi priorizada, pois se busca apenas mensurar o quanto ela como um todo contribui para a criação de valor.

4 Metodologia

Neste artigo desenvolveu-se um estudo de caso com a aplicação de questionários junto a 41 voluntários do GRAACC, compondo aproximadamente 11% do total de seus 400 voluntários. Também, foram coletados e analisados dados primários e secundários da instituição, no período de 2007 a 2010, observando-se como os resultados de balanços patrimoniais, DRE e relatórios da organização impactaram no VA da organização.

A pesquisa testou a hipótese da capacidade do capital intelectual, tanto do voluntário quanto do assalariado, em gerar valor adicionado à sociedade, através da análise do caso particular da ação do GRAACC.

A metodologia que está na base deste trabalho é aquela contida na teoria do valor adicionado do capital intelectual (VAIC), proposta por Pulic (2000), sendo aqui testada no ambiente das organizações sem fins lucrativos (OSFL). A referência ao modelo do VAIC foi adotada, pois se fundamenta em bases históricas, que podem ser calculadas a partir de dados do balanço patrimonial e da DRE, adicionando-se os aspectos intangíveis do Valor do Sucesso (VS) da ação social no cálculo do VA.

O cálculo do VAIC decorre da combinação dos coeficientes o VACA (Valor Adicionado do Capital Empregado), o VAHU (Valor Adicionado do Capital Humano) e o STVA (Valor Adicionado do Capital Estrutural) e pode ser expresso por:

$$VAIC = VACA + VAHU + STVA$$

onde:

VACA = Valor Adicionado do Capital Empregado

VAHU = Valor Adicionado do Capital Humano

STVA = Valor Adicionado do Capital Estrutural

O VACA é obtido pela relação de eficiência do VA (Valor Adicionado) com o CE (Capital Empregado), representado por:

$$VACA = \frac{VA}{CE}$$

onde:

VA = Valor Adicionado é obtido com a aplicação do conceito idêntico ao utilizado pelos economistas, $VA = OUT - INP$, onde:

- OUT = o valor bruto gerado pela instituição proveniente dos produtos e serviços prestados.

- INP = o dispêndio que possibilita a execução da atividade, exceto o dispêndio com a mão de obra (Lexp), não sendo considerado como custo por Pulic (2000), pois ele possui um papel aditivo no VA. A mão de obra voluntária empregada (Vmov) está presente, adicionando valor através dos resultados provenientes dos dados colhidos da aplicação dos questionários aos voluntários da organização
- CE = Capital Empregado é composto por todos os recursos de origem financeira existentes na entidade para a sua operação (fornecedores, salários e encargos e as suas obrigações fiscais),

Como o GRAAC não gera riqueza apenas contábil, mas também social na sua operação seria irreal não contabilizar no valor adicionado o valor gerado graças a sua ação social, podendo ser medido, entre outras formas, pelo Valor do Sucesso (VS), conforme (PACE, 2009):

$$VS = VSP + VVS + AV + CPV$$

Ao VSP e ao VVS adicionam-se dois valores estimados com base em *proxies*, que compõem o valor do sucesso: o Aprendizado do Voluntário (AV) e o Custo Para o Voluntário (CPV) obtidos por média dos dados obtida nos questionários, com seus valores levados a valor presente para os anos de análise com base no Índice de Preços ao Consumidor (IPCA), onde:

- Valor Econômico dos Serviços Prestados (VSP) = estimado pela soma das entradas em Reais do Sistema Único de Saúde (SUS), do Governo de Estado, da Prefeitura, dos Convênios, da Filantropia e do Déficit/Superávit;
- Valor econômico das vidas salvas (VVS) = obtido através da mensuração da capacidade econômica do adolescente curado em produzir e colaborar com o giro da economia ao longo de sua vida produtiva. Esta estimativa foi calculada com base na média do rendimento mensal do trabalho principal, no ano 2007 e corrigida para os próximos anos pelo IPCA, multiplicado por 13 salários, pela média de anos produtivos (34 anos) e pelo número de vidas salvas, em cada respectivo ano, com base em Pace (2009);
- Aprendizado do Voluntário (AV) = composto pela média de mercado de cursos que o voluntário teria que participar no mercado para assimilar funções cujo conhecimento adquire no exercício da atividade voluntária;
- Custo para o Voluntário (CPV) = refere-se aos valores monetários que os voluntários no exercício da missão acabam por desembolsar com o transporte, a alimentação e materiais diversos.

O resultado do exercício utilizado na pesquisa poderá ser um déficit ou superávit, mostrando o saldo contábil de cada período. Com isso VA será expresso por:

$$VA = \text{Déficit ou Superávit} + Lexp + Vmov + VS$$

onde:

- Lexp = Despesas com a mão de obra (salários e encargos)
- Vmov = Valor médio inçado pelos voluntários pelo valor de sua mão de obra

Obtido o resultado do VA, para finalizar o cálculo do VACA, é necessário o cálculo do Capital Empregado (CE), expresso por:

$$CE = AC + AFliq - PF$$

onde:

- AC = Ativo circulante (caixa + contas a receber + estoques)
- AFliq = Ativo fixo líquido (imobilizado – depreciação)
- PF = Passivo de funcionamento (fornecedores + salários e encargos + obrigações)

Após o cálculo do VACA, resta calcular duas variáveis que compõem o VAIC: o Capital Humano (HC) e o Capital Estrutural (SC), que permitem o cálculo do VAHU e do STVA.

O HC, na concepção de Pulic (2000), é o valor pago à mão de obra, ficando composto nas OSFL pela soma dos custos da mão de obra contratada com os custos estimados da mão de obra voluntária obtidos através do questionário aplicado, apresentado na equação:

$$HC = L_{exp} + V_{mov}$$

Com este resultado, pode-se obter o VAHU, que relaciona o valor adicionado ao capital humano empregado por meio da relação:

$$VAHU = \frac{VA}{HC}$$

O último passo para se apurar o VAIC é obter o valor do SC através da subtração do HC do VA, o que representa a participação da estrutura da entidade no VA:

$$SC = VA - HC$$

Calculado o último coeficiente que compõe o VAIC, o STVA relaciona o SC com o VA, sendo obtido através de:

$$STVA = \frac{SC}{VA}$$

Conforme Pulic (2000), com a obtenção dos índices de eficiência do Capital Empregado (VACA), do Capital Humano (VAHU) e do Capital Estrutural (STVA), obtêm-se o VAIC, conforme a equação abaixo:

$$VAIC = VACA + VAHU + STVA \text{ ou}$$
$$VAIC = \frac{VA}{CE} + \frac{VA}{HC} + \frac{SC}{VA}$$

O VAIC gerado mostra a eficiência do valor criado pelo CI quando comparada com um indicador de atividade como o ROA (Retorno Sobre Ativos), que aponta o quanto estão sendo aproveitados os ativos, quando relacionados ao VA:

$$ROA = \frac{VA - \text{Receitas financeiras}}{\text{Ativos}}$$

Os dados contábeis utilizados na pesquisa foram gerados pela própria instituição, sendo usados dados reclassificados, exceto para 2010, dada sua indisponibilidade no momento da realização da pesquisa.

5 Análise dos resultados

A pesquisa foi realizada levando em consideração não somente os dados contábeis de forma isolada, mas também mensurando o valor agregado à sociedade pela entidade, considerado o Valor do Sucesso.

Ao aplicar a metodologia VAIC na OSFL, utilizando-se do Valor do Sucesso, ou seja, o valor do resultado da missão da instituição percebeu-se quanto o resultado da missão é capaz de alavancar o Valor Adicionado gerado. No ano de 2007 ele alcançou em valores nominais R\$ 150.899.502,37; no ano de 2008 atingiu R\$ 188.815.856,88; no ano de 2009 seu valor foi de R\$ 264.260.625,76, atingindo R\$ 299.988.382,29 no ano de 2010, com resultados crescentes que mostram crescimento de valor, conforme a Tabela 1.

Este crescimento constante do VA é um fato importante nos resultados do VACA (Valor Adicionado do Capital Empregado), do VAHU (Valor Adicionado do Capital Humano) e do STVA (Valor Adicionado do Capital Estrutural), pois ele está presente no cálculo destas três variáveis de eficiência. O outro elemento que compõe o VACA é o Capital Empregado (CE) que apresentou em 2007 de R\$ 9.563.969,00, em 2008 R\$ 5.366.693,00 e, no ano de 2009, alcançou R\$ 2.364.156,00, sendo esta queda ocasionada pela diminuição do Ativo Fixo Líquido que volta a crescer, com o CE também crescendo, em 2010, elevando-se para R\$ 6.878.361,00.

A relação do crescimento do VA com a diminuição do CE, conforme Tabela 1, é um fato importante a ser observado, pois tem impacto direto no VACA que relaciona as duas variáveis, sendo este o índice que eleva o resultado do VAIC, por ser aquele que possui maior grau de eficiência. De fato, observa-se que no ano de 2010, quando o CE cresce, o resultado do VAIC apresenta queda.

No Capital Humano (HC) houve um crescimento em todos os anos da pesquisa, partindo de R\$ 14.856.554,49, em 2007, alcançando no ano de 2010 o valor de R\$ 29.423.966,69 e o Capital Estrutural (SC) seguiu a mesma trajetória, crescendo de R\$ 136.042.947,88 no ano de 2007 para R\$ 168.365.467,73, em 2008; no ano de 2009 evoluiu para R\$ 239.167.942,05 e em 2010 para R\$ 270.564.415,60.

Na Tabela 1 encontram-se os componentes do VAIC, reunidos possibilitando a visualização de seus desenvolvimentos no decorrer do período da pesquisa.

Tabela 1 Valores estimados dos componentes do VAIC – R\$

| Ano | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|-----|----------------|----------------|----------------|----------------|
| VA | 150.899.502,37 | 188.815.856,88 | 264.260.625,76 | 299.988.382,29 |
| CE | 9.563.969,00 | 5.366.693,00 | 2.364.156,00 | 6.878.361,00 |
| HC | 14.856.554,49 | 20.450.389,15 | 25.092.683,72 | 29.423.966,69 |
| SC | 136.042.947,88 | 168.365.467,73 | 239.167.942,05 | 270.564.415,60 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Relacionados entre si, conforme a metodologia proposta, os valores acima geram os índices de eficiência do VAIC, com base na pesquisa de campo, sendo possível mostrar o resultado da entidade, conforme Tabela 2. A pesquisa também apresentou o Valor Adicionado gerado pela mão de obra voluntária e assalariada, isoladamente, buscando através desta separação sua melhor visualização, além de constatar qual a participação de ambas na criação de valor, transformando os custos decorrentes da mão de obra em um aditivo de valor à sociedade, baseando-se na metodologia de Pulic (2000) que define o Capital Humano pelo valor monetário desembolsado pela mão de obra assalariada e pelas estimativas de valor da mão de obra voluntária.

Tabela 2 - Índices de eficiência e índice do VAIC.

| Ano | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|------------|---------|---------|----------|---------|
| VACA | 15,7779 | 35,1829 | 111,7779 | 43,6133 |
| VAHU | 10,1570 | 9,2328 | 10,5313 | 10,1953 |
| STVA | 0,9015 | 0,8916 | 0,9050 | 0,9019 |
| VAIC Total | 26,8365 | 45,3074 | 123,2144 | 54,7106 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para obter a separação da mão de obra assalariada da mão de obra voluntária, foram somados os dispêndios com a mão de obra assalariada e as estimativas do questionário do Vmov (Valor da mão de obra voluntária), do AV (Aprendizado do Voluntário) e do CPV (Custo para o Voluntário), criando um valor do capital humano (HC) nos respectivos anos, sendo ponderada a sua participação no total do HC, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Ponderação do trabalho assalariado e voluntário do HC – R\$

| Ano | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|--------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Total HC | 16.284.837,35 | 21.917.735,77 | 26.769.402,17 | 31.176.206,69 |
| HC Assalariado (%) | 79% | 84% | 85% | 86% |
| HC Voluntário (%) | 21% | 16% | 15% | 14% |

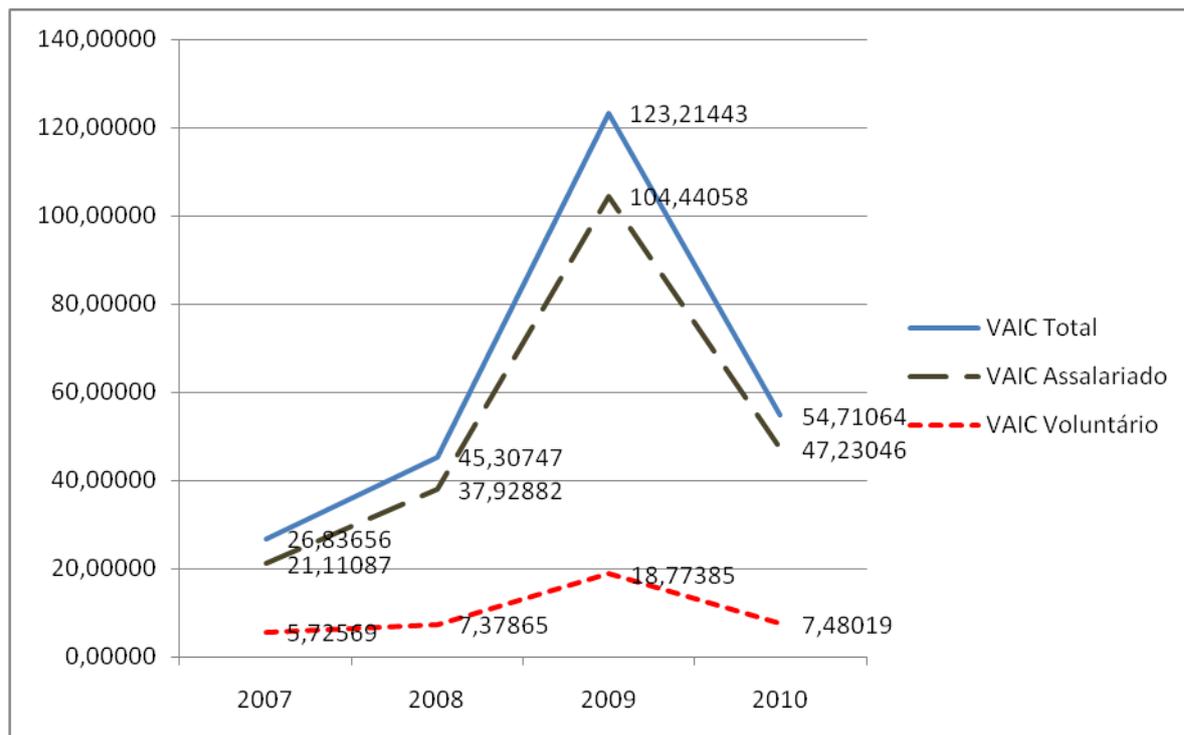
Fonte: Elaborado pelos autores.

O cenário do VAIC gerado, representando o VAIC Total indica a eficiência da mão de obra assalariada e voluntária em conjunto, onde o VAIC Assalariado representa o Valor Adicionado pela mão de obra paga e o VAIC Voluntário representa o Valor Adicionado pela mão de obra voluntária, indicando que investimentos nas OSFL são rentáveis pelo âmbito social, sendo o impacto do retorno apontado pelo crescimento atrelado ao aumento de mão de obra e ao aumento do resultado em pacientes curados (Figura 1).

Na linha VAIC Total apura-se o índice de eficiência total gerado pela OSFL, que vem crescendo constantemente, sendo em 2007 com 26,83, evoluindo para 45,30 em 2008 e com um pico em 2009, de 123,21 e retornando ao patamar de 54,71 em 2010, seguindo a curva do VACA que sofreu um pico neste período pela relação do VA com o CE.

O VAIC assalariado mostrou seu desenvolvimento de eficiência de 21,11 no ano de 2007, evoluindo no ano de 2008 para 37,92, alcançando o maior valor no período da pesquisa de 104,44 em 2009 e tendo uma queda em 2010 para 47,23.

Deve-se salientar que o índice do VAIC para os voluntários ficou inferior ao dos assalariados em função do menor número de horas trabalhadas e dado que nos questionário alguns voluntários tiveram dificuldades em avaliar o valor de sua mão de obra, influenciando os resultados. Mesmo com as dificuldades citadas, percebe-se a presença do voluntariado no valor criado pela instituição em 2007 quando o VAIC voluntário atingiu 5,72, no ano de 2008 alcançou 7,37, no ano de 2009 obteve seu maior índice de 18,77 e no ano de 2010 ficou próximo do resultado de 2008 com 7,48.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 1 – VAIC gerado e suas representações, o assalariado e o voluntário.

Visando validar o resultado do VAIC e com isso atestar a sua aderência com um indicador de produtividade, utilizou-se o Retorno sobre Ativos (ROA), conforme a Tabela 4.

A riqueza gerada no trabalho da OSFL com valores crescentes do ROA partindo de 5,83 vezes no ano de 2007, com um retorno de 6,78 vezes no ano de 2008, tendo seu pico em 2009 com 9,05 vezes e uma queda em 2010 para 7,79 vezes em relação ao ativo total.

Tabela 4 – Índices do VAIC e ROA

| Ano | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|------------------|---------|---------|----------|---------|
| ROA | 5,8363 | 6,7845 | 9,0509 | 7,7951 |
| VAIC Total | 26,8365 | 45,3074 | 123,2144 | 54,7106 |
| VAIC Assalariado | 21,1108 | 37,9288 | 104,4405 | 47,2304 |
| VAIC Voluntário | 5,7256 | 7,3786 | 18,7738 | 7,4801 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados da pesquisa mostram que há uma relação direta entre a criação de valor pelo trabalho assalariado com o valor do trabalho dos voluntários, no VAIC Voluntário com o ROA nota-se a semelhança entre o retorno do ROA em relação ao retorno do VAIC Voluntário, o que vem a acordar que o voluntariado vem a gerar valor a sociedade.

6 Conclusões

Este trabalho conclui que o capital intelectual, originado dos custos de mão de obra, presente no voluntariado juntamente com o capital intelectual assalariado do GRAACC é de fato capaz de gerar valor tanto para a organização, como para a sociedade através do Valor do Sucesso já que a organização consegue êxito no seu objetivo, o que é confirmado pelo crescimento constante nos anos de 2007 a 2010, tanto do VAIC como do ROA.

Com a separação do resultado do VAIC gerado pela mão de obra assalariada daquele proveniente da mão de obra voluntária, é possível identificar a existência de valor criado para a sociedade proveniente da mão de obra voluntária, podendo ser responsável por valores superiores aos identificados nesta pesquisa.

Trata-se de um resultado que possibilita o levantamento de caminhos e demonstra a necessidade de se aprofundar o entendimento sobre este problema, sem a pretensão de ser conclusivo, podendo servir de base para melhor qualificar os resultados nos balanços sociais das OSFL. Faz-se necessário reavaliar os resultados do VAIC e do ROA em outras OSFL para testar se eles se sustentam. O trabalho sofre da falta de uma amostra representativa, dado que o número obtido de pesquisas ficou próximo a 11% de um total de 400 voluntários.

Após as análises dos resultados pode-se afirmar que o CI, tanto da mão de obra voluntária como da mão de obra assalariada, contribuem para gerar valor ao GRAACC e, conseqüentemente, à sociedade. Este efeito pôde ser observado, também, empiricamente através do resultado traduzido pelo número de vidas salvas nesta instituição, que alcança o nível de 70% e, também, através da constatação do comprometimento do seu corpo de 400 voluntários com a missão.

Referências

ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas. 2010.

CARDOSO JR., J. C. **Geração e apropriação de valor adicionado na economia brasileira: um estudo da dinâmica distributiva no período 1990/1996**. IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro: 2000.

EDVINSSON, L.; MALONE, M. S. **Capital intelectual: descobrindo o valor real de sua empresa pela identificação de seus valores internos**. São Paulo: Makron Books, 1998.

FERNANDES, R.C. **Privado, porém público: o Terceiro Setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994.

GIL, A. L.; ARNOSTI, J. C. M. **Balanco Intelectual: a estratégia com projetos de mudança e o reconhecimento de talentos**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva. 2007.

GITMAN, L. J. **Princípios da administração financeira**. Tradução de Allan Vidigal Hastings. 12ª ed. São Paulo: Pearson Pretience Hall, 2010.

KNELL, A. **Added value for added profits**. London: The Institute of Chartered Accountants in England and Wales, 1986.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEGLIORINI, E. **Custos: análise e gestão**. 2ª ed. São Paulo: Pearson Pretience Hall, 2007.

PACE, E. S. U. **Metodologias de avaliação de desempenho com a criação de valor como contribuição ao planejamento das organizações sem fins lucrativos**. Tese de Doutorado, FEAUSP, 2009.

PULIC, A. **VAIC TM: an accounting tool for IC management**. International Journal of Technology Management, Vol. 20, nº 5,6,7,8. 2000.

SANTOS, A. dos. **Demonstração contábil do valor adicionado – DVA** – Um instrumento para medição da geração e distribuição de riqueza das empresas. Tese de Livre Docência, 1999.

SIMONSEN, M. H. **Macroeconomia**. Rio de Janeiro: Apec, V. I, 1975.

STEWART, A. T. **A Nova Vantagem Competitiva Das Empresas**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Priscila Martins Celeste. 11ª ed. Rio de Janeiro: Campus. 1998.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. Tradução de Luiz Euclides Trindade Frazão Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1998.